

“BLOG”: O EFEITO TERAPÊUTICO COMO ECONOMIA DO *DISPOSITIVO* *CONFESSIONAL*¹

Elzira Yoko UYENO

*Universidade de Taubaté - UNITAU*²

Resumo: Na era de sua reprodução eletrônica, as modalidades de transmissão de textos promoveram uma revolução do suporte do texto. O espaço virtual constitui suporte para a circulação de textos como “chat”, fórum, “web-page” ou “site” pessoal, “blog” e “orkut”. O “Blog”, espécie de diário pessoal disponibilizado em rede, associado a voyeuristas “webcams” e “reality shows”, têm sido interpretados como sintomas do fim da esfera privada, determinado pela hipertrofia da homogeneização do homem contemporâneo, via redução e unificação de polissemias, sob as quais subjaz uma moral capitalista que disciplina e normaliza a sua conduta (Foucault, 1975). A redução da heterogeneidade é produzida pelo dispositivo disciplinar que explora o máximo das potencialidades de indivíduos amorfos e os transforma em sujeitos política e economicamente dóceis e produtivos, produzindo, portanto, suas identidades; daí sua positividade. O dispositivo confessional (Foucault, 1993), via extorsão da verdade, engendra a objetivação dos indivíduos. Duas parecem ser as explicações para o registro público de acontecimentos, impressões e confissões. Comprovando que a homogeneidade (leia-se identidade) pretendida pelos dispositivos não se realiza sem luta, o indivíduo também manifesta o poder de que é constituído, revelando sua singularidade. Para além dos efeitos do diário tradicional, o “blog” revela sua eficácia terapêutica: comprovando a economia da confissão, o indivíduo escreve para um leitor (leia-se confessor), ainda que virtual, para incumbir-lhe a tarefa hermenêutica da decifração da verdade sobre si, porque, embora presente na confissão (que, pletórica, transborda a si), ela só se completa naquele que a recolhe (Foucault, op. cit.: 66). Partindo do pressuposto da inextrincabilidade da constituição do sujeito e da de seu discurso e focalizando o “blog”, é ao Foucault, ontologista histórico do homem e analista dos mecanismos que transformam indivíduos em sujeitos, que se consagra este estudo.

Palavras-chave: Blogue. Escrita. Subjetividade. Virtualidade. Confissão

1 Este trabalho foi apresentado no Seminário Internacional Foucault na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2004. Optei pela manutenção dessa versão de então, quando o blog se constituía uma das primeiras manifestações da escrita no espaço virtual, para efeito de análises comparativas com as modalidades de escritas em redes sociais que se lhe seguiram como Tweeter e Facebook.

2 Agradeço a Juliana Roberti Pereira e a Lílian Mobrzi Silva Werlang o compartilhamento deste estudo.

"BLOG": THE THERAPEUTIC EFFECT AS SAVING DEVICE CONFSSIONAL

Abstract: In the age of electronic reproduction, transmission modalities texts promoted a revolution in support of the text. The virtual space is to support the circulation of texts as "Chat" forum "web-page" or "site" personal "blog" and "orkut". The "Blog", a kind of personal diary available in the network, associated with voyeuristic "webcams" and "reality shows" have been interpreted as symptoms of the end of the private sphere, determined by hypertrophy of the homogenization of modern man, via reduction and unification polysemies, under which underlies a moral capitalist discipline and normalize their behavior (Foucault, 1975). The reduction of heterogeneity is produced by disciplinary device that exploits the maximum of the potential of individuals and turns them into amorphous subject politically and economically productive and docile, producing thus their identities, hence its positivity. The device confessional (Foucault, 1993), via extortion of truth, engenders the objectification of individuals. Two explanations seem to be the public record of events, impressions and confessions. Proving that the homogeneity (read identity) required by the devices is not without struggle, the individual also manifests the power that is made, revealing its uniqueness. Apart from the effects of the traditional diary, the "blog" reveals its therapeutic efficacy: proving the economics profession, the individual writes for a reader (read confessor), albeit virtual, to entrust him with the task of deciphering the hermeneutic truth about themselves because, although present in confession (which, plethoric, pours herself), she only completed at the gathering (Foucault, op. cit.: 66). Assuming inextricability of the constitution of the subject and his speech and focusing on the "blog" to Foucault's historical ontologist analyst of man and of the mechanisms that transform individuals into subjects that enshrines this study.

Keywords: Blog. Writing. Subjectivity. Virtuality. Confession

"BLOG": EL EFECTO TERAPÉUTICO DEL DISPOSITIVO DE AHORRO DE CONFESIONARIO

Resumen: En la era de la reproducción electrónica, las modalidades de transmisión de los textos promovió una revolución en apoyo del texto. El espacio virtual es apoyar la difusión de textos como "Chat" foro "de la página web-" o "sitio" "blog" personal y "orkut". El "Blog", una especie de diario personal disponible en la red, asociada a voyeuristas "webcams" y los "reality shows", han sido interpretados como síntomas de la final de la esfera privada, determinados por la hipertrofia de la homogeneización del hombre moderno, a través de la reducción y unificación polisemias, bajo la cual subyace una disciplina moral capitalista y normalizar su comportamiento (Foucault, 1975). La reducción de la heterogeneidad es producida por el

dispositivo disciplinario que explota al máximo el potencial de las personas y las convierte en sujeto amorfo política y económicamente productiva y dócil, produciendo así su identidad, de ahí su positividad. El dispositivo confesional (Foucault, 1993), a través de la extorsión de la verdad, engendra la cosificación de las personas. Dos explicaciones parecen ser el registro público de los eventos, las impresiones y las confesiones. Demostrando que la homogeneidad (leer identidad) que requiere que los dispositivos no es, sin lucha, el individuo también manifiesta el poder que se hace, revelando su singularidad. Aparte de los efectos de la agenda tradicional, el "blog", revela su eficacia terapéutica: la prueba de la profesión económica, el individuo escribe para un lector (leer confesor), aunque virtual, para confiarle la tarea de descifrar la hermenéutica verdad sobre sí mismo, ya que, aunque está presente en la confesión (que, pletórico, se vierte), ella sólo se completa en la reunión (Foucault, op cit.:. 66). Suponiendo inextrincabilidad de la constitución del sujeto y su discurso y se centra en el "blog" el analista ontólogo histórico de Foucault del hombre y de los mecanismos que transforman a los individuos en sujetos que consagra este estudio.

Palavras clave: Blog. Escrita. Subjectividad. Virtualidad. Confesion

INTRODUÇÃO

Na era de sua reprodução eletrônica, as modalidades de sua transmissão promoveram uma revolução no suporte dos textos. O espaço virtual tem substituído o papel para a circulação de textos por meio de "chat", "web-page" ou "site" pessoal, "blog" e "orkut".

O "blog", espécie de diário pessoal disponibilizado em rede, associado a voyeuristas "webcams" e "reality shows", têm sido interpretados como sintomas do fim da esfera privada, determinado pela hipertrofia da homogeneização do homem contemporâneo, via redução e unificação de polissemias, sob as quais subjaz uma moral capitalista que disciplina e normaliza a sua conduta (FOUCAULT, 1978). A redução da heterogeneidade é produzida pelo *dispositivo disciplinar* que explora o máximo das potencialidades de indivíduos amorfos e os transforma em sujeitos política e economicamente dóceis e produtivos, produzindo, portanto, suas identidades; daí sua positividade. O *dispositivo confessional* (FOUCAULT, 1993) via extorsão da verdade, engendra a objetivação dos indivíduos, para efeito de normalização de suas condutas.

Balizando-se pela perspectiva francesa de Análise do discurso e partindo do pressuposto da inextrincabilidade da constituição do sujeito e da de seu discurso, é ao

Foucault ontologista histórico do homem e analista dos mecanismos que transformam indivíduos em sujeitos que se consagra este estudo. A vontade de saber sobre o que levaria o sujeito moderno a renunciar ao legado lockeano do inalienável direito à privacidade acompanhou a trajetória do presente estudo.

Em um primeiro momento, busca-se no “dispositivo da confissão” foucaultiano uma possibilidade para a explicação dessa confissão virtual; em um segundo momento, apresentam-se as características do blog e tecem-se considerações sobre os gêneros textuais de vida, nos quais se insere o blog. Finalmente, busca-se captar na materialidade lingüística desses diários virtuais vestígios da constituição de seus autores.

1. CONFIDÊNCIAS E CONFISSÕES: A INELUTÁVEL VONTADE DE SABER DE SI

Seria impossível se conceber uma sociedade sem as instituições. Sua função catalisadora da organização social contemporânea é tal que se naturaliza uma inversão perversa, a ponto de se imaginar que os homens estão a serviço das instituições, em lugar de as instituições estarem a serviço do homem.

As diversas instituições, que se organizam sob sistemas de papéis a serem desempenhados, homogeneizam a sociedade pela captura e enclausuramento em espaços disciplinadores especiais. É nesse sentido que se pode falar de um discurso pedagógico, de um discurso familiar, de um discurso médico em que o sentido originariamente polissêmico das palavras é cada vez mais reduzido e unificado, tendo, por trás, uma moral capitalista, constantemente ativada e reforçada pelas várias instituições sociais, moral esta que, além de disciplinar, acaba por normalizar a conduta (FOUCAULT, 1978). Também é no contexto de um dado discurso que se pode falar de identidade: no discurso pedagógico é que se constituem as identidades do professor e do aluno, no discurso psicanalítico, as do analista e do analisando e no discurso confessional, as do confessor e do confessando. Essa normalização da conduta se realiza por meio de técnicas disciplinares, das quais a confissão se coloca entre os rituais mais importantes de que se espera a produção da verdade (FOUCAULT, 1993).

Transferência da tradição ascética e monástica da penitência tradicional de obrigação de confessar as infrações das leis do sexo para as pessoas comuns, no século XVII, a confissão passou a se constituir a tarefa de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem tudo sobre si. A partir de então, difundiu-se como técnica, por excelência, para produzir a verdade, e tem sido utilizada em toda uma série de relações institucionais: *crianças e pais, aluno e professor, doentes e psiquiatras, delinqüentes e peritos, tomando a forma de interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou carta* (FOUCAUT, 1993).. Incluímos, nessas relações, a estabelecida entre aquele que escreve um blog e aquele que lê esse diário virtual.

A prática sacramental cristã da confissão, quando instituída nos primeiros séculos, realizava-se por meio da *exomologesis*, isto é, da confissão diante de sua comunidade, e, mais tarde, por meio do *exogouesis*, isto é, diante de um interlocutor hierarquicamente determinado (FOUCAULT, 1993).

A primeira forma de confissão constituía apenas um ritual de adesão pública ao cristianismo: confessar-se – o que se fazia em público, para um interlocutor coletivo – fazia parte de um ritual de assujeitamento do indivíduo como cristão e como penitente. Consistia na revelação das próprias faltas diante da comunidade, revelação pública essa que era antecedida por uma penitência de dimensão privada que compreendia submeter-se a rigoroso jejum, dormir no chão e fazer longas orações.

A segunda, instaurada após a instituição da Igreja, constituía da manifestação apenas verbal do pecador a um interlocutor hierarquicamente determinado a quem cabia acolher a confissão, avaliá-la e aplicar-lhe a penitência. Essa nova norma confessional encontrou dificuldade na adesão dos fiéis que se diziam constrangidos por verem nessa modalidade privada de confissão uma forma de relação pessoal. Queixavam que o procedimento de falar de suas faltas a um sacerdote correspondia ao de falar de si a uma só pessoa, próprio do relacionamento de amizade, o que, numa situação confessional, era impossível. O paradoxal é que, ao confessar a sua falta ao bispo, o fiel sentia-se confessando a um igual a si, o que levou Delumeau (1990) a distinguir a confissão da confidência, enquanto formas de exposição das próprias faltas: a primeira se fazia sob extorsão e a segunda voluntária e reciprocamente.

A regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão, em 1215, o desenvolvimento da técnica de confissão, o desenvolvimento de métodos de interrogatório e de inquérito, a instauração dos tribunais de Inquisição, na Idade Média, contribuíram para conceder à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos (FOUCAULT, 1993).

A partir de então, a confissão foi difundida como técnica, para efeito de extração da verdade, passando a ser utilizada nas mais variadas instituições: no interrogatório policial, nos tribunais, no exame médico, no exame escolar. A instituição do dispositivo da confissão para efeito de extração da verdade se legitimou, por a verdade se mostrar não estar unicamente no sujeito que a revelaria pronta e acabada ao confessá-la, mas se constituir na dupla ação – na ação daquele que fala e na daquele que ouve. Àquele

(...) se incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade; é preciso duplicar a revelação da conclusão pela decifração daquilo que ela diz. Aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade. Sua função é hermenêutica. Seu poder em relação à confissão não consiste somente em exigir-la, antes dela ser feita, ou em decidir após ter sido proferida, porém em constituir, através dele e de sua decifração, um discurso de verdade (FOUCAULT, 1993, p..65-66).

Presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, a verdade só se completa naquele que a acolhe. É, assim, pela via da confissão, com seu postulado implícito segundo o qual o outro detém as chaves do sentido do que se confessa, que as estratégias de poder e de saber vão investir os corpos de concupiscência ou de sexualidade (MESAN, 1985, p.55). A verdade, assim, mais do que extorquida, emerge no próprio processo da confissão.

Por outro lado, por um efeito performativo que é peculiar à confissão, o discurso de verdade adquire efeito não em quem o recebe, mas sim naquele de quem ele é extorquido. Isso se explica porque

(...) a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas conseqüências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe salvação (FOULCAULT,1993, p.61)

porque a confissão implica o exame de consciência do indivíduo, que se volta para si mesmo, para se tornar visível ao olhar perscrutador da onipotência divina (FOUCAULT,1993, p.65).

A economia desse dispositivo não se completa nesse duplo efeito. Por um caráter pletórico, o enunciado confessado transborda a si e revela aspectos não pretendidos pelo confessando. É por essa razão que, a partir do século XIX, a confissão não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, mas também daquilo que se esconde ao próprio sujeito e só se revela progressivamente, por meio de uma confissão da qual participam o interrogador e o interrogado.

Esse funcionamento da confissão parece explicar a máxima lacaniana de que o inconsciente é constituído de uma cadeia de significantes sobre os quais não se tem controle, cadeia essa que se revela na aplicação do método psicanalítico da “associação livre”, inventado por Freud, e permite ao analista o procedimento da direção da cura.

(...) a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa, inicialmente que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma

nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. O que quer dizer, também, que a confissão ganhará sentido e se tornará necessária entre as intervenções médicas: exigida pelo médico, indispensável ao diagnóstico e eficaz, por si mesma, na cura. A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável (FOUCAULT, 1993, p.66)

É nesse sentido que é possível se pensar que a confissão permite o acesso à própria subjetividade, guardando os dois sentidos que lhe são constitutivos em francês: *aveu* – na acepção de *declarar, dizer, admitir, atestar algo sobre si* – e *confession* – na acepção de uma modalidade de *aveu, a que é codificada na prática do sacramento cristão da penitência* (FOUCAULT, 1993, p.58).

Ao ser extorquida do confessando pelo confessor, a verdade revela-se neste e além de liberar aquele, permite-lhe saber sobre si. Eis a economia do dispositivo da confissão.

Constituindo um dos mecanismos que transformam indivíduo em sujeito, permitindo-lhe uma relação consigo mesmo, a confissão tem papel central no processo da subjetivação e, como tal, na constituição da ontologia do homem contemporâneo, ontologia esta que não estaria na origem, como quer a tradição filosófica, mas, como projeto, como produção, como devir.

2. BLOG: CONFESSIONÁRIO E SETTING VIRTUAIS

O senso comum emprega o termo virtual para significar a ausência de existência em contraposição ao real como uma presença tangível. Tendo sua gênese no termo *virtualis* do latim medieval, derivado, por sua vez, de *virtus* que significava força, potência, a palavra “virtual” passou a significar como aquilo que existe em potencial, mas não em ato. O *virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal*. É nesse sentido que *a árvore está virtualmente presente na semente* (LEVY, 2010, p.16). Assim, virtual não se opõe ao real, mas ao atual. O virtual é um complexo problemático que é inerente a um acontecimento, um objeto ou uma entidade e que clama por uma resolução. O problema da

semente é fazer brotar a árvore, portanto, a semente é esse problema. Assim, por um lado, a entidade carrega e produz as suas virtualidades; por outro lado, o virtual constitui a entidade: os problemas que a constituem, as forças que a movem são partes essenciais de sua determinação (LEVY, 2010).

À virtualização têm sido imputadas as características da desterritorialização e do “efeito Moebius”.

A desterritorialização diz respeito ao fato de uma pessoa, um ato, uma informação, quando se virtualizam, tornarem-se “não-presentes”. A virtualização produz ainda um deslocamento radical nos conceitos clássicos de lugar e de tempo; virtualiza-se por uma unidade de tempo sem uma unidade de lugar, em decorrência de as interações ocorrerem em tempo real. *A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo* (LEVY, 2010, p.21). Apesar da desterritorialização dos elementos e da implosão do tempo e do espaço, virtual não significa imaginário. As áreas mais virtualizadas e mais virtualizantes do mundo contemporâneo, a da tecnociência, a das finanças e a da comunicação, são também as que mais estruturaram a realidade social. O acesso “visual” ao interior do corpo humano por meio de exames de raios X e de ressonância magnética; as reuniões empresariais e as transações comerciais em tempo real, mas sem se estar presente, e as teleconferências ilustram as novas formas de realidade social.

O “efeito Moebius” diz respeito à impossibilidade de se estabelecer a distinção entre exterior e interior. Das inúmeras indistinções, as mais flagrantes são as que ocorrem entre o que é público e o que é privado e entre leitor e autor. O trabalhador clássico tinha um espaço privado de seu domicílio e um público do lugar de trabalho; também dedicava um tempo à vida privada e outro à vida profissional; o trabalhador virtual transforma seu espaço e seu tempo privados em públicos e vice-versa: realiza atividades financeiras de âmbito particular no espaço do trabalho e cumpre tarefas de âmbito profissional no espaço domiciliar. É nesse sentido que os limites não são estabelecidos: os lugares e tempos se misturam. Na medida em que o leitor de um texto virtual, dispondo de mecanismos de links, de cópias e de alterações, pode alterá-lo, a distinção entre autor e leitor se dissolve: há “co-autores” e “co-leitores”.

Nenhuma leitura em computador é apenas leitura; é sempre uma edição, uma montagem singular. É nesse sentido que

considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo (papel, película, fita magnética) equivale a negar-lhe sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade (LEVY, 2010, p,41).

Rigorosamente, o que se observa não é a morte do indivíduo, como quer uma visão apocalíptica da era virtual e nem tampouco um super-homem, como quer uma visão maravilhada, mas tão e somente outra forma de hominização do ser humano.

3. GÊNEROS DE VIDA

Deslocando-se das perspectivas contemporâneas de análise do gênero autobiográfico que descredenciam o seu autor de uma posição privilegiada para apreender e comunicar verdades, ainda que meramente de cunho subjetivo e pessoal, sobre sua vida, De Man (1983), ao analisar a obra *Confissões* de Rousseau, embora nela reconheça uma dimensão ficcional, justifica-a como essencial para a o esclarecimento filosófico. Dessa forma, o autor isenta Rousseau da crítica aristotélica aos gêneros históricos e, por extensão, aos gêneros da vida como as autobiografias e os diários de que se reduzem a narrar o acontecido em lugar de visarem ao universal e necessário a que se dedicavam a filosofia e a poesia.

As *Confissões* inauguraram um gênero até então desconhecido – já que o termo “autobiografia” só se disseminou no início do século XIX, nomeando um gênero reconhecido pela mistura peculiar de realidade e ficção – e instituíram um modelo literário magnificamente explorado por Goethe, Wordsworth, Stendhal, e E.T.A. Hoffmann e outros (MARQUES, 2002).

Marques(2002), com base nas postulações de De Man, conclui que a ficcionalidade em Rousseau, ao contrário de se opor a uma dimensão teórico-filosófica, é o próprio veículo pelo qual essa dimensão se manifesta. Conclui, ainda, que essa referencialidade permite a circunscrição de sua referencialidade – já que é tecida da projeção diacrônica do momento

presente – e resulta da consciência de sua situação política e da exigência da prática de sua liberdade.

A proposta rousseauiana de comunicar verdades sobre o ser humano por meio do relato autobiográfico também foi assumida pelo filósofo e teólogo cristão Santo Agostinho de Hipona, cuja obra homônima à de Rousseau relata a sua experiência, a sua trajetória de um hedonista incoseqüente a um filósofo escolástico.

A experiência, matéria-prima do relato autobiográfico, não é do domínio nem apenas da vida do autor (objeto) nem apenas do autobiógrafo (sujeito); mas é, efetivamente, o que ocorre entre ambos e lhes dá origem.

Não sendo a pessoa senão um conjunto de relações consigo mesma, e autobiografar-se senão o relato sobre si, é constitutiva desse gênero a “experiência sobre si”.

A ontologia do sujeito, assim, não é mais que a experiência de si, do que a “subjetivação” foucaultiana. Há um sujeito porque é possível traçar a genealogia das formas de produção dessa experiência (LARROSA, 1994, p.55).

Estudar a constituição do sujeito como objeto para si mesmo: a formação de procedimentos pelos quais o sujeito é induzido a observar-se a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se como um domínio de saber possível. Trata-se, em suma, da história da subjetividade”, se entendermos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo (FOUCAULT, 1984, p.297-298).

Foucault define as tecnologias do eu como aquelas nas quais um indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo. Tecnologias do eu constituem os procedimentos que são propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e graças a relações de autodomínio (*maitrise de soi sur soi*) ou autoconhecimento (*connaissance de soi par soi*) (FOUCAULT, 1989, p.134).

Portanto, para longe do mero confessionalismo narcísico, Foucault, aponta para as bases para a formação de uma nova forma de subjetividade; enunciando a experiência de si, obra e vida se nutrem, sem se reduzirem uma a outra (LARROSA, 1994).

4. ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA

Alguns esclarecimentos preliminares serão necessários para que se caracterize o recorte discursivo promovido para efeito de análise. Os blogs que circulam na rede “www” (World Wide Web) são de vários tipos: alguns são compostos apenas de fotografias que retratam as atividades do dia-a-dia, outros apenas apresentam os bloggers (autores dos blogs) e, nesses casos, são redigidos em terceira pessoa, como se pode observar nas transcrições abaixo:

(...) jovem na faixa dos vinte e poucos anos, suburbano, acostumado a brincar na rua com os amigos.

Advogada (ainda não realizada profissionalmente), mas q gostaria de ter feito Veterinária (mas faltou coragem...)

Escolheram-se para compor o corpus de análise deste estudo os blogs, cujos conteúdos mais se aproximam dos diários tradicionais.

Sob uma abordagem que pretenda apenas a sua categorização como tipologia textual, o blog constituiria uma mera versão digital do tradicional diário. As semelhanças dizem respeito ao relato de fatos do cotidiano; de fatos de relevância, de caráter positivo ou negativo; de problemas que se enfrentam; de decisões que se tomam; de arrependimentos por atitudes tomadas; de intimidades; de receios de desdobramentos de fatos e de vanglórias.

Um olhar sobre as dissemelhanças, entretanto, leva o analista para além daquelas pressupostas pela mudança do suporte. Apenas para efeito de ilustração, mencionam-se, a seguir, alguns traços distintivos. As diferenças determinadas pelo suporte textual eletrônico parecem ser o registro não só da data como da hora em que o blog foi escrito, tarefa cumprida

pelo próprio dispositivo do blog, e a “linguagem”, própria do texto eletrônico, composto de abreviações como “vc” (você), “pq” (porque), “q” (que); .”transcrições fonéticas” como “naum” (não), “jah” (já), “ae”(aí); mistura das categorias anteriores como “mtu” (muito), “issu” (isso); onomatopeias como “he-he-he”, “ah-ah-ah” e “emojicons” (figuras compostas com os dispositivos do teclado) como *_*, ^^, +_+ .

Para muito além da substituição do saudoso diário – caderno especialmente impresso para registro das intimidades das adolescentes, um presente estereótipo para as meninas-moças – por um suporte virtual, o blog parece constituir um “espaço” para a constituição do sujeito contemporâneo. É esse o escopo privilegiado por este estudo.

Uma dissemelhança a ser considerada é a que diz respeito aos autores dos blogs: ao contrário do que ocorria com o diário clássico, cuja autoria era de exclusividade das mulheres, o blog conta com muitos autores do sexo masculino. Quanto à faixa etária desses autores, também ocorre um deslocamento em relação à dos autores do diário tradicional: não predominam entre os blogueiros as meninas-moças; as idades dos bloggers são tão variadas que nem permitem o estabelecimento de uma faixa.

Uma das diferenças de ordem, à primeira vista, apenas formal do blog em relação ao diário tradicional é que o autor do diário clássico tomava como seu interlocutor o próprio diário – ele era personificado, era tratado como “meu querido diário” – e o autor daquele tem por interlocutor um leitor indeterminado de seu blog e começa invariavelmente com um “oi”, um “olá”, “um bom-dia” ou uma “boa-noite”; alguns bloggers dirigem-se a leitores específicos, a “freqüentadores assíduos”, em sua linguagem. Nessas situações em que o blogger se comunica com um determinado leitor, o blog se confunde com as trocas de mensagens realizadas por meio do correio eletrônico. Se o suporte do “diário virtual” é a rede, o acesso irrestrito a ele é pressuposto; assim, dirigir-se a leitores seria um procedimento inerente ao blog. É neste ponto que uma diferença aparentemente determinada apenas pela troca de suporte textual se apresenta como particularidade. O acesso por terceiros ao diário tradicional era inimaginável. Como o imaginário discursivo determina e foi confirmado por autoras de diários entrevistadas, o sigilo parece constituir a própria natureza do diário.

Quando se inicia como redator de um blog, parece que há dúvidas quanto às características do gênero, dúvida afirmada por muitos bloguer, dos quais se transcreve abaixo um segmento do Bloguer 1 (doravante B1).

B1:

Eu sempre tive a mania de escrever sobre meus sentimentos, teorias sobre a vida e outras coisas mais, mas sempre escondia os papéis em lugares bem insolitos.

(...) no começo eu fui preconceituosa pq achei q fosse coisa de menina-bobinha que conta como foi o dia. Mas que nada. Fiquei surpresa ao ver blogueiros com vida feita, com filhos, marido, casa e roupas para lavar, cheios de idéias interessantes, e o que é melhor, o retorno de seus leitores através de comentários. Então eu imaginei: eu bem que queria dividir com pessoas estranhas essas minhas idéias loucas, momentos hilários da minha vida e qualquer outra coisa.

O domínio do funcionamento bem como o das “características” do blog parecem ser adquiridos à medida que B1 ia “aprendendo” a redigir. Para além desse caráter “pedagógico”, observe-se a vontade de *dividir*, de compartilhar com outras pessoas os fatos de seu dia-a-dia e não mais de guardá-los em lugares *insólitos*, vontade, portanto, de ser ouvida por outras pessoas. Note-se na passagem *e o que é melhor, o retorno de seus leitores através de seus comentários*, a confirmação de que B1 encontra no blog uma vantagem sobre o procedimento anterior de escrever em diários a respeito dos *sentimentos, teorias sobre a vida e outras coisas mais*. Afirma, aliás, que foi essa “vantagem” que a levou a tomar a decisão de se tornar uma bloguer.

Poder-se-ia pensar que B1 estivesse revelando que o ato de escrever seu blog teria um efeito apenas da *exomologesis*, isto é, da confissão das faltas diante de um interlocutor coletivo, como ocorreu com a modalidade mais primária da confissão. A menção, entretanto, de que o melhor era o retorno dos leitores por meio de comentários comprova o caráter de

exogouesis, isto é, da confissão diante de um interlocutor determinado. A diferença dessa modalidade de confissão, segundo a qual os fiéis tinham de relatar suas faltas a um confessor específico – cujo rito, aliás, ainda é mantido pela tradição católica – está no efeito da confissão: o pecador confessa a um interlocutor hierarquicamente determinado a quem cabe acolher a confissão da falta cometida, avaliar a sua gravidade, cobrar a pena e perdoar o penitente. É neste ponto que a economia da disciplina confessional parece se manifestar: o que levou B1 a “blogar” é a expectativa do comentário dos leitores e não o fato de meramente “desabafar” que seria o efeito do diário tradicional. Em outras palavras, o que levou B1 a substituir o diário clássico pelo blog é o fato de aquele gênero ser constituído de um confidente e este, de um confessor que lhe devolve a audição pela sanção que a libera; aquele permite o desabafo, a exposição da dor, mas este, além do desabafo, lhe permite o acesso ao diagnóstico: eis o efeito terapêutico da confissão contemporânea.

Observe-se como B2, cujo discurso se encontra transcrito a seguir, da mesma forma que B1, começou o seu blog sem muito conhecimento sobre a sua estrutura e sem uma motivação inicial específica: teria começado pela *falta do que fazer*.

B2:

Pela falta do que fazer, insisti e nos últimos 7 meses meu blog tem sido bem mais visitado. E o que é melhor: tenho leitores fieis, que mesmo q eu passe uns 15 dias sem escrever, lá estão eles pedindo que eu volte, mandando e-mail, elogiando meus textos. Nunca achei q eu escrevesse bem como eles dizem. Mas já q eles gostam e faz bem pro meu ego, pra minha saude mental e me faz fazer grandes amigos(!), n parei ainda!

Observe-se a satisfação que B2 demonstra pelo fato de seu blog ter sido mais visitado, tendo chegado a computar o período em que a “ascensão estatística” se manifestou. *E o que é melhor* é exatamente a mesma expressão utilizada por B1 para se referir ao fato de que lêem seu blog. Embora não constitua o escopo deste estudo, é interessante se observar que alguns leitores parecem criar “vínculos” com os bloggers, como B1 menciona: *tenho leitores fieis, que*

mesmo q eu passe uns 15 dias sem escrever, lá estão eles pedindo que eu volte, mandando e-mail, elogiando meus textos.

Se no enunciado de B1 a economia do dispositivo disciplinar se manifestou parcialmente, já que a substituição do diário tradicional pelo blog tinha sido determinada pela expectativa do comentário dos leitores que, tal como o confessor, ouviam e devolviam a avaliação do fato relatado, ela se completa no enunciado de B2. Observe-se como um fato que lhe era desconhecido se faz insurgir no seu relato: *Nunca achei q eu escrevesse bem como eles dizem*. Para além do diagnóstico oferecido pelos leitores fiéis de seu blog, B2 obtém o vislumbre da cura, pela obtenção do acesso a um saber sobre si que se escondia a si e se faz presente no processo do blog: o saber sobre si se completa naqueles que a ouvem e que lho devolvem.

No enunciado *Mas já q eles gostam e faz bem pro meu ego, pra minha saude mental e me faz fazer grandes amigos(!), n parei ainda!*, a economia do dispositivo disciplinar se completa: os leitores receitam-lhe o remédio para o ego e para a saúde mental. Como se pode notar, os comentários dos leitores fiéis promovem em B2 um conhecimento sobre si que ele desconhecia: “blogar” produziu um efeito da “tecnologia do eu” foucaultiana. Embora não tivesse sido forçado a confessar, como previa a modalidade de confissão da *exogouesis*, cujo efeito era o de permitir a afluência de verdades sobre si que se escondiam até mesmo ao confessando, ao ser instigado a falar de si, de se analisar, de manifestar a experiência sobre si – atitude própria daquele que espontaneamente procura pelo analista para saber de si –, B2 viveu a experiência da subjetivação.

Selecionou-se do enunciado de B3, que ora se analisa, uma passagem bastante própria do diário tradicional: o relato sobre a intimidade e as faltas que cometeu.

B3:

Me desculpem, mas, QUE MERDA!!! (...)

(...) Essa noite eu sonhei com o meu ex-namorado, o X. Sonhei que ele estava indo embora e ia me deixar aqui. Na verdade, isso aconteceu

mesmo, ele foi embora para Y (...), no entanto, eu terminei o namoro quase um ano antes, antevendo que isso iria acontecer por influência dos pais dele (...)

(...) Chorei muito... Foi como se eu tivesse vivido tudo aquilo que eu evitei terminando antes o namoro.

Nessas horas que eu vejo que ainda não consegui esquecer-lo, que ainda sinto saudades dele, de dormir abraçada nele, de fazer qualquer coisa com ele... Saudade é f... E hoje eu estou sentindo muitas saudades... (...)

Obrigada mesmo, pelos conselhos, pelo apoio e pelas felicitações pelo meu aniversário...

B3 permite-se a um desabafo que parece resultado de um conflito que está vivendo. Note-se o caráter autobiográfico pelo regresso temporal do relato. Ultrapassando a característica do mero relato, é essa volta que parece permitir a B3 a compreensão do ocorrido, resgatado da memória e enunciado. Essa compreensão é permitida por um efeito performativo muito peculiar a esse dispositivo: o ato de autobiografar-se permitiu-lhe a conclusão de que ainda não resolveu por completo uma relação afetiva. Para além da ficção, o material narrativo comprova-se a própria matéria-prima, por permitir a experiência de si – o conjunto de relações que se estabelece consigo mesma –, que permite acesso à verdade sobre si, por meio da eficácia da “tecnologia do eu”. B3 experimenta o processo de subjetivação

Deixa também perceptível o efeito Moebius, no sentido de que não consegue distinguir o aspecto privado do diário tradicional e o público do blog: ao desabafar-se como faria em diário tradicional, B2 pede desculpas aos analistas virtuais; relata toda história afetiva mal sucedida, como faria no diário tradicional, aproximando-se de âmbitos bastante particulares de sua vida, mas não chega aos detalhes mais íntimos, parecendo ser impedida pelo caráter público do blog. Embora ela relate que *ainda [sinto] sente saudades dele, de dormir abraçada nele*, chegue a dizer que tem saudade *de fazer qualquer coisa com ele...*, não explicita essa *coisa*.

Um incidente de edição ocorrido com o mais famoso diário do mundo ocidental, o de Anne Frank, permite-nos especular que, se B3 estivesse escrevendo em um diário tradicional, ela certamente teria substituído as reticências pela descrição de tudo que gostaria de fazer com o ex-namorado. O veto à edição completa e a exigência da supressão das passagens muito íntimas do diário manuscrito da filha pelo pai da vítima judia do holocausto e mais famosa autobiógrafa comprova que os diários tradicionais eram confidentes silenciosos de segredos íntimos. Mesmo a parcela de seu diário publicada sob permissão paterna apresenta aspectos mais íntimos do que os relatados nos blogs.

Transcendendo o caráter unidirecional da *exomologesis* – do mero relato do confessando para a sua comunidade –, os elementos constitutivos do dispositivo de confissão da ordem da *exogouesis* parecem, por uma lógica própria, permitir a B3 – a confessanda – o acesso à verdade sobre si. Como se pode observar, o efeito terapêutico (tal como se manifestou no discurso de B2) se mostra no enunciado de B3 que conclui: *eu vejo que ainda não consegui esquecer-lo ou E hoje eu estou sentindo muitas saudades... (...)*

A necessidade da avaliação, da punição e do perdão do confessor, própria da *exogouesis*, também se faz presente, comprovando a economia do dispositivo confessional: *Obrigada mesmo, pelos conselhos, pelo apoio.*

O excerto escolhido e abaixo transcrito para compor este estudo se aproxima de um gênero argumentativo. B4, ao falar, procede à tecnologia de si pelo relato da experiência de si:

B4:
(...) Mas hoje os conflitos das mulheres de 30 vão muito mais além. Além da vida amorosa, há o trabalho e a corrida contra o relógio biológico (leia-se: vontade de ter filhos sem ainda ter escolhido o pai e batalhar para se manter bela). Isso sem falar nas cobranças, que são muitas e vêm de todos os lados (são pais cobrando netos, você mesma se cobrando a compra da casa própria e por aí vai). E não há quem coloque

na cabeça de uma mulher na crise dos 30 que ainda há muito tempo para se conquistar tudo o que foi planejado. Ninguém precisa concordar, claro, mas indiscutível é que a chegada dos 30 representa um marco na vida de muitas mulheres. (...)

B4 afasta-se momentaneamente da característica fundamental do diário virtual de falar sobre particularidades de seu dia-a-dia e intercala reflexões sobre a sua condição de mulher de 30 anos e conclusões parciais a respeito dessa condição e termina com uma conclusão categórica sobre o assunto.

A experiência de si, da relação consigo mesma, que conduziria para um saber sobre si, economia do dispositivo de confissão, se realiza no enunciado de B4 sem a mediação dos fatos cronologicamente colocados que conduziriam para o saber sobre si, como ocorreu com B1, B2 e B3. Em outras palavras, o processo de subjetivação de B4 não se faz indutivamente como nos dos bloggers anteriores, mas de forma dedutiva, o que revela que o saber de si decorre do próprio dispositivo da confissão, da pressuposição de um leitor que avaliará e perdoará: esse suposto avaliador é mencionado em *Ninguém precisa concordar*.

B5 menciona ter exposto toda a experiência de si, todas as relações consigo mesma, tal como fizeram os outros bloggers, com a particularidade de estar fazendo um “metablog”, no sentido de estar analisando o próprio processo de blogar.

B5:
(...) E foi pela inspiração e pela falta dela que escrevi cada texto que aqui vocês leram. Paixões nas entrelinhas, estresse por trás de palavras sutis, a alegria de viver sendo transbordada em linhas. Eu sou exatamente, e até um pouco mais, tudo isso que você, meu querido leitor, descobriu.
(...)

Ela menciona ter escrito sob inspiração, sob a falta dela, textos constituídos de *paixões, estresse, alegria de viver*. Tal como B2, B5 revela o caráter de Efeito Moebius, próprio dos textos virtuais, ao afirmar não ter exposto intimidades: as *paixões* estavam *nas entrelinhas*. Não se observa a morte do indivíduo, mas a constituição de um outro sujeito, determinado pelo espaço virtual e pelas relações virtuais. Comprovando que o grau de intimidade não é condição necessária para a experiência de si, B5 admite que é o seu leitor que a descobriu.

Embora inicie o blog pela afirmação de que não tem conhecimento preciso sobre o gênero blog, observe-se o grau de liberação que B6 afirma experimentar postando blogs:

B6:
Posso considerar o meu blog um diario.....Ha sei la.... tipu que postar num blog eh sempre mais facil.... vc coloka oq vc pensa doa a quem doer, vc num fika com o pé atras pra falar certas coisas, e issu eh oq eu mais curto.. pq tipu eu soh uma mina mo tímida .. e quem lê o meu blog, axa q eu sou mo cara-de-pau, mais não eh assim.. Postanu eu me sinto "livre" pra dizer oq eu kero, e naum rola a maldita timidez!!!! E assim fika mtu mais facil!..

Afirma que fala de tudo sem interdições e que é essa razão pela qual gosta de escrever em blogs, admitindo que a timidez a impede de falar sem restrições. Procedendo a um “metablog” como B6, refletindo sobre o processo de escrever esse gênero: determinada pelo imaginário de que os seus leitores a tomariam como *cara-de-pau*, explica que essa dedução não se procede e que o blog lhe permite libertar-se não só para falar tudo como lhe permite libertar-se de sua timidez. Observe-se como o discurso sobre o blog também exige a tecnologia de si, a experiência de si e nesse procedimento se constitui como gênero biográfico e como tal um gênero de vida. Os efeitos do dispositivo de confissão, embora não explicitados, ficam pressupostos nesse reconhecimento de que se interdita, determinada pela timidez: foi, ao escrever o blog que descobriu um meio para se liberar de uma característica que a

incomodava. O efeito terapêutico não lhe foi dirigido pelos leitores, como ocorre com B1, B2 e B3, mas pelo próprio processo de blogar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas parecem ser as explicações para o registro público de acontecimentos, impressões e confissões: uma da ordem microfísica do poder e outra da ordem da vontade de saber de si.

Comprovando que a homogeneidade (leia-se identidade) pretendida pelos dispositivos não se realiza sem luta, o indivíduo também manifesta o poder de que é constituído, revelando sua singularidade.

Os blogs analisados apresentaram uma regularidade que os distingue do diário tradicional: na sua versão virtual, o diário tradicional parece confundir-se com a autobiografia. Os meros relatos sobre fatos diários revelaram-se permeados por reflexões diacrônicas sobre si; essas reflexões parecem decorrentes do fato de o bloguer se mostrar agir sob o imaginário de que seus leitores precisam conhecer os antecedentes dos fatos de que ele foi personagem para poderem compreendê-los. Sob quaisquer das predominâncias, do relato de fatos concretos do dia-a-dia do autor, dos desabafos dos problemas que enfrenta ou da projeção temporal diacrônica autobiográfica, o gênero da vida subjaz aos blogs analisados.

A surpresa pela existência de leitores de seus textos comprova que os bloggers duvidavam de que seriam vistos com suas particularidades e, portanto, se não se imaginavam homogeneizados, imaginavam-se “invisíveis”. A motivação para que continuassem escrevendo, decorrente dos pedidos desses leitores, comprova que desejam ser aceitos como pessoas diferentes por alguém, ainda que virtual. Não há como negar que o ato de falar da experiência de si para outrem seja motivado pela necessidade de revelar que se é constituído de uma singularidade.

Para além dos efeitos do diário tradicional, o “blog” revela sua eficácia terapêutica. Embora no diário tradicional se pressuponha um interlocutor, e seu autor chegue a expor mais a sua intimidade do que o faz o bloguer, não há efeito terapêutico, porque o diário não lhe devolve comentários, avaliações, recriminações, isto é, não o perdoa e não o sanciona como o fazem os leitores do blog. O diário tradicional, assim, caracteriza-se como confidente, não como confessor.

No blog, comprovando a economia da confissão, o indivíduo escreve para um leitor confessor, ainda que virtual, para incumbir-lhe a tarefa hermenêutica da decifração da verdade sobre si. Essa decifração se torna possível porque, em razão de seu caráter pletórico, a confissão transborda a si: por um efeito performativo que lhe é peculiar, embora presente no bloguer e confessor, a verdade sobre si se completa no leitor virtual que a recolhe, ao suscitar afluência de aspectos que se escondem do próprio confessor; por um efeito terapêutico, ao enunciar a experiência sobre si e as faltas que cometeu e receber de seu leitor a crítica, a compreensão ou quaisquer comentários, o bloguer revela se sentir penitenciado, o que lhe permite vislumbrar a “cura” da angústia.

Embora entender se a eficácia de um *setting* analítico dependeria da completude da confissão esteja além dos limites deste estudo, a análise do *corpus* permite-nos a especulação de que o efeito terapêutico não depende de um maior ou menor grau de intimidade do relato.

Em síntese, o que se vislumbra deste estudo, ainda que sua abrangência se restrinja a uma pequena parcela dos efeitos das tecnologias de informatização sobre o homem contemporâneo, é que a virtualização, ao contrário de decretar a morte do homem como se teme, inaugura uma nova forma de subjetivação e, portanto, uma nova ontologia.

Para além de um mera confissão narcísica, o blog revela-se como um gênero em que obra e vida se nutrem, sem se reduzirem, uma a outra e por meio do qual o bloguer manifesta a inelutável vontade de saber sobre si e vislumbra a sua singularidade.

REFERÊNCIAS

DE MAN, Paul. The Rhetoric of Blindness: Jacques Derrida Reading of Rousseau. In: *Blindness and Insight: Essays in Rhetoric of Contemporary Criticism*. 2a ed. Revista Mineápolis. University of Minnesota Press, 1983.

DELUMEAU, Jean. *L'aveu et le pardon*. Paris: Fayard, 1990.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. Lês techniques de soi-même. In: FOUCALT, Michel, *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1989.

_____. Foucault, M. no *Dictionnaire dès Philosophes*, Paris, PUF, 1984, (297-298).

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

LARROSA, Jorge. *Tecnologias do Eu e Educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org), *Sujeito da Educação*, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LEVY, Pierre. *O virtual*. São Paulo: 34, 2001.

MARQUES, José Oscar de Almeida. *Autobiografia e Referencialidade: o caso das Confissões de J.J.Rousseau*. Disponível em: www.unicamp/jmarques/gip/anpof2002.htm

MEZAN, Renato. Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise. In: RIBEIRO, Renato Janine. (org.), *Recordar Foucault: Os textos do Colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 94-125.

Elzira Yoko UYENO

Graduada em Letras pela Universidade de Taubaté (1974), mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atualmente é professor assistente doutor na

Universidade de Taubaté (Unitau), atuando no Programa de mestrado em Linguística Aplicada, onde leciona, orienta pesquisas e coordena o projeto de pesquisa (CNPq-Unitau) “Subjetividades e Identificações: efeitos de (d)enunciação”, e na graduação no Curso de Letras. Atua, também, como professor do Colégio Cassiano Ricardo - Anglo e do Instituto Brasileiro de Tecnologia Avançada. Pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, sob pressupostos da Análise do Discurso de perspectiva francesa, do movimento de desconstrução e da psicanálise. Concentra os estudos em ensino-aprendizagem de línguas, formação de professores, na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: subjetividade, escrita, leitura, formação continuada.